

Cultural Action and Post-Modernity in Porto Velho Libraries

Ação Cultural e Pós-Modernidade nas Bibliotecas de Porto Velho

Edson Rodrigues Cavalcante²

Data de Submissão: 23 abr. 2019.

Data de Aprovação: 08 maio 2019.

Data de Publicação: 15 jun. 2019.

ABSTRACT: This article discusses the canon oppositions of librarianship (Flusser, Milanese and Teixeira Coelho), with regard to Theory of Cultural Action, to the currents of thought of postmodernity, which characterize the current moment as the age of uncertainty, of fragmentation, the exchange of values, hedonism, ephemeral moments, the substitution of ethics for aesthetics, narcissism, apathy, the consumption of sensations and the end of great narratives. The position assumed in this work is that, in the context of librarianship, postmodernity has not yet been assimilated as a line of action for libraries, since their vision travels within the narrative of the Enlightenment-positivist ideal. The objective is, from the comparison of different views of Cultural Action in Libraries and Post-Modernity, to formulate a new critical positioning of libraries and librarians as mediators of Cultural Action projects. The Amazon historicity, delimited to Porto Velho, sets the stage for the discussion. The choice is justified, as it understands that Porto Velho constituted, throughout its formation, as an inter-place of junction of diasporas, brought by the discourse of modernity in the middle of the jungle, which left here remnants of their respective cultures.

Keywords: Cultural Action. Post-Modernity. Librarianship.

RESUMO: Este artigo discute as contraposições de cânones da biblioteconomia (Flusser, Milanese e Teixeira Coelho), no que se refere a Teoria da Ação Cultural, às correntes de pensamentos da pós-modernidade, que caracterizam o momento atual como a época das incertezas, das fragmentações, da troca de valores, do hedonismo, dos momentos efêmeros, da substituição da ética pela estética, do narcisismo, da apatia, do consumo de sensações e do fim das grandes narrativas. A posição assumida neste trabalho é a de que, no contexto da biblioteconomia, ainda não foi assimilada a pós-modernidade como linha de atuação das bibliotecas, uma vez que a sua visão trafega dentro da narrativa do ideal iluminista-positivista. O objetivo é, a partir da comparação de diferentes visões de Ação Cultural nas Bibliotecas e a Pós-Modernidade, formular um novo posicionamento crítico das bibliotecas e bibliotecários como mediadores de projetos de Ação Cultural. A historicidade amazônica, delimitada à Porto Velho, configura o cenário para a discussão. Justifica-se a escolha, por entender que Porto Velho constituiu, ao longo de sua formação, como um entre-lugar de junção de diásporas, trazidas pelo discurso da modernidade no meio da selva, que aqui deixaram resquícios de suas respectivas culturas.

Palavras-chaves: Ação Cultural. Pós-Modernidade. Biblioteconomia.

¹ **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

² **E-mail principal de contato:** eds_caval@yahoo.com.br. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP) e Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Castelo Branco (UCM-RJ).

INTRODUÇÃO

Para alguns, a noção de cultura sequer existe (MITCHELL, 2008, p. 83), em outras palavras, a pós-modernidade trouxe à baila antigos conceitos sobre temas que estavam em nível estacionário, relegados aos mesmos princípios das ideias ilustradas que o criaram. Os primeiros a expor o iluminismo, como elemento para mistificação das massas, foram Horkheimer e Adorno (2002) que puderam resumir a sua época em um único aforismo: “A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança”. Nisso, “a cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” (SANTOS, 2006, p. 24) – ainda resquícios da visão romântica do iluminismo – foi denunciada como parte fundamental da ideologia dos governantes para a criação dos monopólios culturais e sua indústria.

Posteriormente, Habermas (2002), membro da segunda escola de Frankfurt, realizou a arqueologia dos trabalhos de Weber, Adorno e Horkheimer sobre a Cultura. Em seus escritos, ele segue o mesmo raciocínio para demonstrar que o triunfo do Iluminismo - na forma de prevalência do racionalismo científico – permitiu tornar ele próprio um novo mito legitimador do capitalismo. Ele percebe que os mecanismos de dominação, alienação e distorção da realidade, via meios de comunicação, estão em toda parte e se capilarizam também até as instituições de divulgação, preservação e disseminação do conhecimento (a Biblioteca).

A noção de capital cultural e *déficit* cultural, segundo Thiry-Cherques (2006), foi criada por Bourdieu (2005). Essa teoria foi importante para fundamentar o papel do mediador (o Bibliotecário), ou seja, aquela personagem que atua na sociedade como interlocutor ou promotor de atos culturais entre as diferentes classes e subclasses sociais. Trafegando entre elas, conciliando e pasteurizando as diferentes manifestações culturais, de forma a se tornar acessível para todos.

Para o autor (*Ibidem*, 2006, p. 39), o capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos) expande o conceito inicial de capital formulado por Karl Marx, contudo, sem se afastar dos pressupostos básicos de desigualdade entre ricos e pobres, já que os ricos detêm o acesso aos bens culturais e seguem a lógica de acumular esse capital simbólico, fundado no conhecimento ou reconhecimento, em detrimento da classe proletariada, que tem dificuldade de acesso.

Dessa maneira, essa dinâmica entre diferentes extratos socioculturais reflete no papel que a biblioteca assume diante da sociedade. Em termos de formação profissional, algumas formulações acadêmicas biblioteconômicas entendem a Ação Cultural do bibliotecário, “como a forma de trazer para o ambiente da biblioteca as atividades e práticas culturais existentes do mundo exterior: tais como música, teatro, literatura e ópera, podendo ser trabalhados de forma amadora ou profissional” (MILANESI, 2002).

Com maior gravidade, a própria conjuntura da atualidade atropela esses conceitos cânones - fortemente arraigados na visão de uma biblioteca imponente, “transbordante de saber”, nostálgica, guardiã do conhecimento, impoluta e absoluta (SOARES, 2007) – por entender que a pós-modernidade fragmentou as diversas identidades historicamente construídas, reconfigurando-as em um hiperespaço globalizado. Na promoção de projetos de Ação Cultural, as bibliotecas e os bibliotecários estão sintonizados com a atualidade?

Essa problemática constitui o cerne deste artigo e serve como subsídio para chegar ao seu objetivo final: comparar diferentes visões sobre o conceito de Ação Cultural nas bibliotecas e o conceito de Pós-Modernidade. Não menos importante, os desdobramentos específicos visam: entender a formação sociocultural de Porto Velho; conceituar Ação Cultural em bibliotecas, a partir da literatura biblioteconômica e no contexto da pós-modernidade; propor um roteiro de Ação Cultural para Porto Velho.

Este artigo segue a linha exploratória, com ênfase na revisão bibliográfica dos referenciais teóricos na área de biblioteconomia – (MILANESI, 2002), (COELHO, 1986; 1996) e (FLUSSER, 1983) - em vista compará-los com alguns paradigmas conceituais da pós-modernidade: identidade cultural (HALL, 2002); multiculturalismo (BHABHA, 2013); hibridismo e colecionismo (CANCLINI, 1997); dentre outros.

Por último, o recorte deste trabalho está limitado ao universo de Porto Velho, haja vista o caráter heterogêneo que reveste a sua formação sociocultural, uma vez que, em seu território, ao longo de 103 anos de história, em prol de políticas desenvolvimentistas, a cidade se tornou o entrelugar de passagem e estabelecimento de diásporas que, com seus saberes e fazeres, incidiram na formação da cultural local.

PORTO VELHO E OS CAMINHOS DO PROGRESSO

Para Silveira (2004, *apud* GONDIM, 2011, p. 6), a Amazônia, antes de existir, já tinha sido inventada nos mitos e fabulações dos europeus, que a fixaram mentalmente como um paraíso de riquezas, paradisíaca e fantástica, bem ao gosto dos olhares da antiguidade clássica. Foi cartografada pelos inúmeros cronistas como um império de mulheres brancas, altas e guerreiras, que só mantinham contatos com homens brancos e valentes: “as Amazonas são as guardiãs desse Éden tropical” (Gondim, 2011, p. 84).

Na obra “À Margem da História”, que conta um pouco da formação sociocultural da região norte, Cunha (2006), narra a sina do seringueiro - também um forte; um expatriado dentro da própria pátria; que fugiu da seca nordestina para o extrativismo dos seringais; “banidos com a missão dolorosíssima e única de desaparecerem” (Cunha, 2006, p. 6); “o cearense que lá chega, ‘numa desapoderada ansiedade de fortuna’ passa por um processo de aprendizagem, de brabo a manso” (*Ibidem*, 2006) - que vinha com o ideal lúdico do trabalho, e ao final, é retido e escravizado por dívidas.

Euclides da Cunha é um autor seminal para entender o impacto da modernidade imposta “de cima para baixo” na transição do Brasil Monárquico para o Brasil Moderno, impregnado de valores positivistas. A própria República nascera do artífice de meia dúzia de intelectuais e militares, que, ao final da transição dos regimes, estabeleceram os ideais fundamentalistas de “ordem e progresso” como norteadores dos valores republicanos.

Quando Canudos sucumbiu perante o bombardeio das metralhadoras Krupp 32, Cunha (2000) constatou que a tecnologia, a serviço de interesses econômicos e políticos, podia produzir a barbárie. Em larga escala, esse devaneio tecnológico também aconteceria na conquista da Amazônia, principalmente no processo de ocupação e formação dos centros urbanos.

Porto Velho nasceu como um fenômeno exuberante da modernidade - “a nova forma de organização social fundada nos interesses individuais, na racionalidade e no desenvolvimento técnico” (RIBEIRO, 2012, p. 11) - que pretendia rasgar a selva por meio de uma estrada de ferro. Era o espetáculo do maquinismo, a serviço da taxonomia do progresso, em vista o repovoamento do mundo além das fronteiras civilizatórias. Para Hardman (2005), a quimera da construção da estrada de ferro

Madeira-Mamoré ou “a ferrovia do diabo”, topônimo como ficou conhecida pelo historiador Manoel Rodrigues Ferreira, serviu para emular a fantasia lúdica do progresso na selva, do *fetichismo* ferro-máquina levada à periferia do mundo pelo movimento do capital (ALMEIDA, 1988, p. 157).

Após a experiência fracassada da estrada de ferro Madeira-Mamoré, Porto Velho pode experimentar um período de acomodação e reordenamento socioespacial. Novos atores - migrantes nordestinos e imigrantes barbadianos (BLACKMAN, 2011) - foram incorporados ao cotidiano da cidade. No entanto, ao longo do século XX, diversas geopolíticas de integração nacional e regional, dentro de uma concepção desenvolvimentista do Estado, ainda visavam integrar a Amazônia à economia brasileira. Essa mesma visão geopolítica tinha criado Brasília, capital construída no meio do nada, como parte do objetivo de alargar as fronteiras de ocupação humana na direção do norte e centro-oeste.

Coube aos ideólogos dos governos militares, a partir de 1964, a implantação dos grandes projetos de desenvolvimento na Amazônia com o objetivo de gerar riqueza para a nação. Era o “Brasil que Vai para Frente” da máquina de propaganda do governo que, além de adquirir novas roupagens institucionais, também excluiu a população local na formulação desses projetos. Esse caráter planejador e centralizador não era muito diferente de outros governos, no entanto, para ter um controle mais rigoroso, os militares resolveram modernizar o aparato institucional do Estado, criando novas instituições cujos enclaves visavam o desenvolvimento regional: Banco da Amazônia (BASA), Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e a futurística Zona Franca de Manaus, dentre outros.

Apesar da extensa capilaridade dos rios, o transporte rodoviário se consolidou nos governos militares como forma de ocupação e expansão para a região norte. Essa política rodoviária formulada no “Plano Nacional de Viação” juntamente com o PIN (Plano de Integração Nacional) foram importantes para a criação de eixos rodoviários, que viabilizariam a criação de polos agropecuários e industriais em regiões mais afastadas. No caso específico, com a criação da rodovia 364, interligando Limeira (SP) até Rodrigues Alves (AC), a ocupação humana em Rondônia se intensificou. Coube a Amazônia periférica os projetos de assentamento, sob responsabilidade do Instituto Nacional de Reforma

Agrária (INCRA), que acomodaria os excedentes da região Sul e Sudeste do Brasil.

No vaticínio de Tocantins (1982, p. 153), Porto Velho, ligada ao sul do país, seria nos anos futuros um polo de futuro promissor, servida por vastos recursos naturais e base para a indústria de transformação ecológica e tecnológica. Porém, o modelo de ocupação se basearia na ocupação agropecuária, em detrimento de não haver nenhuma ou quase nenhuma política pública de infraestrutura, saúde e saneamento. Anos após anos, a busca desenfreada de recursos minerais e o extrativismo vegetal, concomitante com a expansão das fronteiras agropecuárias, tornaram-se uma ameaça terrível com impacto desastroso ao meio ambiente.

No passado recente, depois de alguns anos de reacomodação, ocorreu a invasão barrageira por conta das Usinas do Complexo Hidrelétrico do Rio Madeira (ALVES; THOMAZ JÚNIOR, 2012). Novamente, mais um capítulo promovido pelo governo central, cuja tese vinculava a produção de energia “limpa e sustentável”, a partir da turbidez do Rio Madeira, fundamental para o desenvolvimento da economia na região. A mobilização de milhares de trabalhadores para a construção de duas obras gigantesca próximo a Porto Velho, mexeu com o imaginário da população e serviu para inflacionar os preços locais, haja vista o impacto de 20 mil novos moradores no auge da obra (*Ibidem*, 2012, p. 14). O impacto maior se deu nas comunidades ribeirinhas que desapareceram ou foram realocadas.

Os rios da Amazônia constituem os caminhos naturais por onde trafegam a vida dos seus habitantes, a realidade labiríntica que confere o *ethos* à vida regional (LOUREIRO, 1995, p. 121). Durante séculos, dois espaços sociais tradicionais da cultura, com características bem definidas, delinearam o modo de vida de sua população: a cultura urbana das cidades; e a cultura rural, dos ribeirinhos. Loureiro (1995) encontrou nas comunidades ribeirinhas, ou na morosidade e na afabilidade da vida cabocla, a representação da identidade amazônica. Ele corroborou o pensamento de Holanda (1998), que afirmava que a mentalidade cordial era uma característica comportamental de todo brasileiro, além da lhaneza no trato, hospitalidade e generosidade.

AÇÃO CULTURAL EM BIBLIOTECAS E O PENSAMENTO PÓS-MODERNO

O modelo atual de biblioteca aberta ao público foi construído no triunfo do ideário

Iluminista da Revolução Francesa, já que os modelos anteriores pertenciam ao domínio de grupos herméticos. Surgiu baseada em quatro princípios fundamentais: no princípio da laicidade da informação; na democratização do espaço e do uso; especialização do acervo como reflexo da cultura; e a socialização de todo conhecimento.

A massificação da cultura, por meio dos avanços tecnológicos, e a banalização do livro, apresentaram ao mundo da biblioteconomia novas concepções de cultura. Foi marcante, pois, configurou a circulação de práticas culturais, transferências de valores, produtos e saberes, novas formas de “partilhas culturais” que antes ficavam distantes ou sofriam resistência por parte dos formuladores de opinião entre os bibliotecários.

Nos meados da década de 80, alguns escritores bibliotecários começaram a abordar a importância da Ação Cultural em bibliotecas. O cenário político da redemocratização era favorável para uma nova abordagem sobre o papel das bibliotecas, como veículos de transformação e conscientização social. Principalmente em um país como o Brasil, “um lugar onde pouco se lê e pouco se produz” (MILANESI, 1983, p. 93) ou nas bibliotecas públicas, confinadas a dois ambientes: “o depósito de livros e o local de leitura” (*Ibidem*, 1983, p. 94).

Para o autor, os bibliotecários tradicionais carregavam o conceito de biblioteca como algo monumental, atemporal, desarticulado com a realidade contígua e imerso na tecnicidade das representações do conhecimento. No entanto, ao se posicionar contra a “atitude passiva” das bibliotecas, ele propôs roteiros de ações culturais e comunicativas, dentro da visão de Bourdieu (2005), de “dentro para fora”, ou seja, a representação, no espaço da biblioteca, da cultura das elites para entretenimento das massas, e o papel do bibliotecário como o de “animador cultural”.

Coelho (1996, p. 94) afirmaria que a cultura da identidade na pós-modernidade seria “uma empreitada nacionalista unificadora”, em que a biblioteca cumpriria o papel de estar (sintonizada) no mundo. Anteriormente, ele tinha se apropriado do manifesto “O Banquete” de Mário de Andrade (1997), para formular um raciocínio transversal, no intuito de nivelar as diferentes concepções de cultura:

[...] não havia cultura popular, outra de massa e outra erudita; o que havia era uma cultura morta e uma viva; uma cultura viva era construída pelos próprios sujeitos, em

interação com outros sujeitos, com a obra de arte, com a informação, inseridos em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico (COELHO, 1986, p. 76).

A percepção de Coelho (1996) é muito parecida com a afirmação de Williams (2011) de que nenhum tipo de cultura é monolítico em si mesma, haja vista ocorrer porosidade e fluidez entre elas. O que existe são “as partilhas culturais entre indivíduos de classes ou grupos sociais diferentes” (WILLIAMS, 2011, p. 230), já que a posteridade irá julgar o conjunto de trabalhos intelectual e imaginativo de cada geração como uma produção de várias classes.

Flusser (1983), com forte viés em Paulo Freire (1994), acreditava que a Ação Cultural se dividia em duas: a ação cultural para a domesticação das massas e a ação cultural para a libertação. A primeira serviria apenas para a manutenção do *status quo* da sociedade e a segunda como instrumento de emancipação do indivíduo. O autor propôs, como forma de possibilitar visibilidade à biblioteca, que a abrangência da ação cultural deveria ser não apenas para os seus usuários, mas, principalmente, para aqueles não usuários: os excluídos no processo histórico de formação da sociedade. Também incide que a biblioteca mantivesse sempre uma postura dialógica, em vista combater a manipulação e a opressão.

Segundo Hall (2002), com a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética, os discursos sobre identidade nas grandes narrativas ideológicas - como elementos característicos de esquemas totalizantes, baseados na cultura, língua, religião, costumes, tradições e pertencimento a um determinado local - se tornariam mitos historicamente construídos “para costurar as diferenças numa única identidade” (HALL, 2002, p. 18). O sujeito pós-moderno seria um amálgama de características instáveis, “uma celebração móvel, que assumiria identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (*Ibidem*, 2002, p. 2).

As fronteiras nacionais seriam barreiras tênues juntamente com a penetração tecnológica - rádio, jornais, televisão e internet, em escala global - que tornariam as identidades híbridas, fracionando assim o sujeito moderno (CANCLINI, 1997). Para a maioria das bibliotecas, não acostumada a abundância dos fatos e da informação plurilocalizada - haja vista o seu condicionamento ao *locus* histórico - a desterritorialização cultural, ou seja, a quebra de vínculos com a cultura, tradicionalmente

representada e circunscrita ao território, representou o desafio de encontrar novos caminhos de mediações culturais.

Já, no que se confere em Bhabha (2013, p. 65), “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro”. A sua narrativa prega a ruptura de uma história única e uma única cultura. A diversidade cultural ou multiculturalismo, formato atual da pós-modernidade, admite o recorte de várias culturas dentro de uma mesma cultura (distribuída ou não sobre o território), assume o também desafio de conciliar a diversidade cultural, sem perigo de excluir as formas diferentes de manifestação dos diferentes.

DESCOLECIONAMENTO

Para Canclini (1997, p. 8): “A história da arte e da literatura formou-se com base nas coleções que os museus e as bibliotecas alojavam quando eram edifícios para guardar, exibir e consultar coleções”. Descoleccionar seria, sobretudo, um movimento da pós-modernidade, que poria fim aos bens culturais colecionáveis, resultando na quebra de divisões entre diversas culturas: a elitista, a popular e a massiva. Nas bibliotecas, conhecer a organização da coleção e do acervo já significa uma forma de posse, de apresentação e direcionamento para trabalho engajado da Ação Cultural, indistintamente daqueles que nunca tiveram contato com ela.

Para o bibliotecário, se tornaria cada vez mais difícil seguir a taxonomia das classificações para representar o que é cultura popular, cultura erudita, folclore, cultura de massa e outras formas culturais. Dessa forma, percebe-se o fenômeno da “agonia das coleções” (CANCLINI, 1997, p. 9), ou seja, os usuários de bibliotecas estão se apropriando dos acervos em seus mecanismos portáteis de armazenamento de informação. Também que, o acesso aos recursos tecnológicos (fotocopiadoras, *tablets*, celulares, notebooks, videogames, *smart TVs* e *blu rays*) está permitindo desestruturar os conteúdos lineares dos livros, as imagens das mídias e os formatos dos multimeios, para reconstruí-los em outros contextos, pasteurizando-os em novos formatos, dando novos sentidos “às velhas referências semânticas e históricas que amarravam seus sentidos” (*Ibidem*, 1997, p. 9).

No passado, a biblioteca era parte da estrutura microssocial da urbanidade. Ela cumpria o papel de mediar a informação da vida imediata com as transformações globais que se buscavam no meio e no Estado. Bauman (2011, p. 23) afirma que “numa

vida de contínuas emergências, o mundo virtual derrota facilmente o real”, por conseguinte, entende-se que a Internet desintermediou o papel tradicional da biblioteca como paradigma da informação. Com a midiaticização tecnológica, a partir da interconectividade em rede, as pessoas passaram a tecnoburocratizar o seu tempo livre, que era dedicada anteriormente ao estudo, ao lazer e ao ócio. Em decorrência disso, “o tempo livre passou a ser um prolongamento do trabalho e do lucro” (CANCLINI, 1997, p. 10).

PORTO VELHO: ROTEIRO DE ATUAÇÃO

Qualquer projeto de Ação Cultural em Porto Velho, em âmbito de bibliotecas, deve abster-se, além do ressentimento e do ranço histórico, daquilo que Hoggart (1973) definiu como compadecimento ante a constatação do atraso e a nostalgia do bom selvagem, que sucumbiu perante a modernidade. Deve-se oferecer resistência à inculcação ideológica de que a verdadeira cultura se encontra restrita a literatura (acadêmica), a música (clássica) e a ciência.

Para Burke (1995), os seus correspondentes populares (literatura de cordel, canções folclóricas e medicina popular), tanto na Europa ou em outro qualquer lugar do mundo, também são representações legítimas de cultura. As práticas imateriais (comer, beber, fazer, linguagens, dentre outros) também constituem o imaginário cultural de um povo (BURKE, 1995, p. 42). Cevasco (2003, p. 54) afirma que a cultura popular sempre encontrou resistência junto as elites, mas que, uma vez diluídas e incorporadas ao cotidiano, encontraram um novo campo de atuação e reivindicações da luta entre classes. Na contemporaneidade, esse conceito tem que considerar a base da formação histórico-étnico-cultural do povo brasileiro, delineada a partir da mistura dos hábitos e costumes das três raças (FREYRE, 1998).

Em Porto Velho, em decorrência do desconhecimento da cultura local historicamente mestiça, ocorre, sob determinados aspectos, a valorização da cultura do outro (a ocidental, a sulista brasileira), como representação única de uma cultura superior. A crise de centralidade da pós-

modernidade (PRYSTHON, 2010, p. 20) repensa essa identidade híbrida e as diferenças culturais regionais, buscando o descentramento como inversão de valores.

Sobre essas diretrizes, em poucas palavras, roteirizar linhas de Ação Cultural significaria:

- a) Entender que o mundo está cada vez mais parecido em sua diversidade e que Porto Velho, inserido na paisagem da sociedade tecnológica, reproduz as idiosincrasias locais e também das grandes metrópoles, que são características do cosmopolitismo periférico apontadas por Prysthon (2010, p. 14);
- b) Reformular e remapear a realidade social e as tradições locais, diferenciando-as da cultura transnacional e moderna;
- c) Montar um Inventário Cultural que contemple as tradições indígenas, a cultura ribeirinha, a colonização seringueira, a estrada de Ferro Madeira-Mamoré, e demais aspectos que contribuíram para a formação do *ethos* portovelhense;
- d) Documentar e registrar as “tradições vivas”, aquelas que podem desaparecer em decorrência da própria ação erosiva do tempo ou em atritos com os espaços de poder;
- e) Aceitar o descolecionamento como inevitável para o futuro das bibliotecas, no entanto criar estratégias de classificação mais polissêmicas, com uso das tecnologias da informação, para a preservação do conhecimento;
- f) Considerar o futuro da informação como imagética e em nuvem, já que os espaços de armazenamento de informação não constituem mais problemas para os hiperarquivos;
- g) Por último, que a biblioteca física poderá se tornar um espaço simbólico, migrando para o virtual, com alto nível de interação entre conteúdos digitais e os usuários, o que irá configurar a nova biblioteca com prestadora de serviços e não mais como formadora de acervos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mauro W. B. O trem fantasma, a modernidade na selva. *Revista Lua Nova*, n. 15, São Paulo, out./1988.
- ALVES, José; THOMAZ JÚNIOR, Antonio. A migração do trabalho para o complexo hidrelétrico do Madeira. *In:*

Jornada do Trabalho: a irreformabilidade do capital e os conflitos territoriais no limiar do século XXI. Os novos desafios da Geografia do Trabalho, 13., 2012, Presidente Prudente. **Anais eletrônicos...** Presidente Prudente: UNESP – CEGET, 2012.

- ANDRADE, M. **O banquete**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BLACKMAN, Cledenice. **Cultura antilhana em Porto Velho**. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BURKE, Peter. "Estruturas da cultura popular". In: **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- COELHO, Teixeira. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 124p.
- _____. Modos culturais pós-modernos. **Revista USP**, São Paulo, USP, n. 29, 90-101 p. mar.-mai. /1996.
- CUNHA, Euclides da. "Terra sem História (Amazônia)". In: **À Margem da história**. São Paulo: Martins Claret, 2006.
- _____. **Diário de uma expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FLUSSER, Victor. A Biblioteca como um instrumento de Ação Cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.2, n. 12, p. 145-169, set. /1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.
- FREYRE, Gilberto. "Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida". In: **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- GONDIM, Neide. "Como o mar de águas doces e suas dilatadas províncias são percorridos pelo imaginário dos cronistas viajantes". In: **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2011.
- HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HOGGART, Richard. "A paisagem e suas figuras: um cenário". In: **As utilizações da cultura**. Lisboa: Presença, 1973.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. "O homem cordial". In: **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas.169-214 p. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364 p.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. "A Poética do Imaginário". In: **Cultura amazônica: uma Poética do Imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.
- MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- _____. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MITCHELL, Don. Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da ideia de cultura em geografia. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, Edição Comemorativa, p. 81-101, 1993-2008.
- PRYTHON, Angela. "Histórias da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina". In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens**. Universidade Tuiuti do Paraná, v. 9, n. 1, 2010.
- RIBEIRO, Odenei de Souza. **Tradição e modernidade em Leandro Tocantins**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, UFAM, 2012. 324 p.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SILVEIRA, Sirlei. A Amazônia de Euclides da Cunha: paraíso versus inferno. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A Questão Social no Novo Milênio, 8., set., 2004, Coimbra. **Anais eletrônicos...** Coimbra: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2004.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ FAPESP, 2007, 504 p.
- THIRY-CERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, FGV, volume 40(1): 27-55 p., jan./fev. 2006.
- TOCANTINS, Leandro. **Amazônia - natureza, homem e tempo: uma planificação ecológica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Editora Civilização Brasileira, 1982.

WILLIAMS, Raymond. "Uma tradição do século XIX". *In*:
Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell. Petrópolis:
Editora Vozes, 2011.

How to cite (ABNT)

CAVALCANTE, Edson Rodrigues. Cultural action and post-modernity in Porto Velho libraries. **JOSSHE**: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education. v. 2, n. 1, p. 1-8, jan.-jun., 2019.